

COMPREENDENDO AS LINGUAGENS DOS BEBÊS

Marcela Lais Allgayer Pinto¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender como ocorre a aquisição das linguagens das crianças de 0 a 3 anos e os aspectos que podem influenciar neste processo, conhecendo os diferentes tipos de linguagem que a criança utiliza para se comunicar e expressar seus desejos e sentimentos, bem como conceituar o que é linguagem e sua função. A intenção é de esclarecer, refletir e orientar os professores que trabalham com bebês, oportunizando que as crianças tenham um desenvolvimento natural, porém rico de interações e vivências significativas, estabelecendo relações com o mundo ao seu redor e vínculos com seus cuidadores, retomando os princípios da Educação Infantil e sua relação com o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e também das linguagens dos bebês.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Linguagens. Bebês.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem dos bebês é algo curioso, pois acontece gradativamente, desde o nascimento e de forma natural a partir do convívio com outras pessoas.

A linguagem no início da vida dos bebês é algo bem amplo, pois se utilizam de diferentes tipos de linguagem para expressar suas necessidades, desejos, desagrados e sentimentos, como a linguagem não verbal, que ocorre através de simbologias e pode ser expressa de forma corporal, gestual, com imagens, musical e também a linguagem verbal, que ocorre através do uso de palavras.

Nesta faixa etária tudo é descoberta e aprendizagem para a criança, por isso, esta fase de desenvolvimento deve ser vista pela família e pelos professores como momento crítico, porém único e sensível, já que o vínculo e os laços afetivos também exercem papel fundamental neste processo.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (2012), especialista em Administração, Supervisão e Orientação Escolar pela UNIASSELVI (2013) e em Neuropsicopedagogia e Intervenção Cognitiva pela CENSUPEG (2015). Atualmente é professora de Educação Infantil no município de Igrejinha e mestrandia em Educação pela UCS. E-mail: marcelallgayerpinto@gmail.com.

O desenvolvimento das diferentes linguagens acontece de forma concomitante, sempre ampliando as formas de expressão e introduzindo novas formas de comunicação, antes se utilizando de formas próprias, ou seja, cada criança de uma forma diferente, até chegar à linguagem verbal.

Através da linguagem, o bebê conhece o mundo ao seu redor e aos poucos vai ampliando suas capacidades, conforme amadurece neurologicamente e seu corpo se desenvolve. Com as experiências que vivencia com a família e seus cuidadores, a partir dos estímulos do ambiente, a criança demonstra suas aprendizagens utilizando os meios de que dispõe.

Aproximadamente aos dois anos de idade, a criança inicia o simbolismo, que é a forma como demonstra sua visão de mundo, fazendo imitações do que vivencia e expressando suas emoções, bem como aprendizagens, através das brincadeiras em diferentes situações.

Logo, chega um momento onde a própria criança se vê como participante de uma família e de um grupo social, compreendendo a função social da linguagem, principalmente a linguagem verbal e utilizando-a de forma muito eficiente, curiosa sincera, por volta dos dois anos e meio aos três anos de idade.

2 LINGUAGEM

Para compreendermos como ocorre o desenvolvimento da linguagem dos bebês, faz-se necessário primeiramente conceituar o que é linguagem.

Saussure (1916), em seu livro *Curso de Linguística Geral*, elabora conceitos para descrever as articulações da língua e Santaella (1985, p. 106-107) estudou estes conceitos teóricos, analisando-os da seguinte forma:

Em nenhum momento, foi por ele demonstrada qualquer iniciativa no sentido de formular conceitos mais gerais que pudessem servir de base para uma ciência mais ampla do que a linguística. Ao contrário, consciente disso, Saussure apenas previu a necessidade dessa ciência mais vasta que ele batizou de semiologia. (...) Nessa medida, a teoria semiológica de extração linguística caracteriza-se pela transferência dos conceitos que presidem a análise da linguagem verbal-articulada para o domínio de todos os outros processos de linguagem não verbais. (...) Com isso, contudo, foram rompidas, de saída, todas as veias de indagação das relações inseparáveis que a linguagem mantém com o pensamento, as operações da mente, a ação e com o intrincado problema da representação do mundo.

Com isso, entende-se linguagem como a capacidade inata que o ser humano possui para expressar suas ideias, sentimentos e emoções a partir do uso da língua como forma de expressão e comunicação. Pode ser expressa de maneira verbal e não verbal. Sua função é dividida em três aspectos em uma ordem cronológica: para a expressão do pensamento, como meio para a comunicação, para a interação verbal.

Para embasar sua pesquisa sobre as “línguas geradoras” na Educação Infantil, Junqueira Filho (2014, p. 42-43) explica sua percepção sobre a teoria de Peirce, que é diferente da teoria de Saussure:

Toda e qualquer relação humana, portanto, é linguagem, para Peirce, e essas realizações vão além da esfera dos sistemas de representação, como o desenho e a escrita, por exemplo. Ao se produzir e à sua humanidade, o homem produz o mundo e por ele é produzido. (...) A partir do conceito de linguagem da semiótica de Peirce, toda e qualquer linguagem – todo e qualquer sistema de produção de sentido, por meio da qual as crianças são produzidas, nos seus processos de ação e compreensão do e sobre o mundo – ou seja, nos seus processos de produção de sentido, de demarcação, comunicação e significação sobre si e o mundo -, seja considerada objeto de conhecimento.

De forma geral, pode-se delimitar que a linguagem verbal ocorre através do uso das palavras, com a possibilidade de ser faladas ou escritas. Já a linguagem não verbal pode se apresentar de diferentes formas, através da música, teatro, artes, de forma corporal, gestual, de expressões facial, de sinais, com o uso de imagem e símbolos, ou seja, que transmitem uma mensagem utilizando-se de outras formas de comunicação que não sejam através do uso de palavras.

A partir dos conceitos de Saussure, Junqueira Filho (2014, p.42) compreende que “Essa diferença me possibilita ler todo e qualquer objeto de conhecimento como linguagem, portanto, como conteúdo programático passível de ser explorado pelas crianças da Educação Infantil.” Com isso, quando falamos em línguas das crianças, estamos falando dos processos de comunicação e não simplesmente da fala.

3 OS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO

Como já mencionado anteriormente, a linguagem está para a comunicação. A comunicação pode dar-se de diferentes formas, como a escrita, a fala, a utilização de códigos, cartazes ou bilhetes com imagens ou escrita, por gestos e também através dos diversos tipos de meios de comunicação de existem com as tecnologias de hoje.

Falando especificamente sobre bebês, compreende-se que as crianças têm intenção de se comunicar com o mundo ao seu redor e utilizam-se de variadas formas para manifestar-se, como explica Lima (2002, p. 8):

Uma das primeiras formas de “linguagem da criança” é a utilização do movimento de seu corpo para “dialogar” com o outro. Este diálogo por ser iniciado pela criança ou pelo outro. Pode surgir da própria criança ou pode surgir através da imitação. Em ambos os casos, é a busca do estar em comunicação, que é uma manifestação humana.

O objetivo da comunicação é transmitir uma mensagem para alguém. Para que a comunicação ocorra é necessário que haja um emissor, que vai transmitir a mensagem e um destinatário, que receberá a mensagem. A mensagem é o objeto de comunicação entre o emissor e o receptor, que passa as informações desejadas com as diferentes formas de percepção, através dos sentidos.

Os processos de comunicação se estabelecem a partir das diferentes linguagens e propõem relações entre as pessoas e das pessoas com o mundo, produzindo conhecimentos. Conforme Santaella (1985, p. 110) “Para Peirce, todas as relações humanas (no seu viver, fazer, lutar, na sua apreensão e representação do mundo) configuram-se no interior da mediação inalienável da linguagem, entendida esta no seu sentido mais vasto”.

4 O DESENVOLVIMENTO E EXPRESSÃO DAS LINGUAGENS DOS BEBÊS

O processo de aquisição e desenvolvimento das linguagens é algo extremamente complexo, principalmente quando se trata de bebês, que se expressam a partir de diferentes tipos de linguagem, como o choro e as expressões faciais inicialmente e, logo os gestos, as pequenas palavras e frases, pois como Ostetto (2004b, p. 84) nos apresenta, “(...) a linguagem é viva e muitas

palavras podem ser contadas e cantadas, criando espaços e momentos de interlocução, partilhando afetos e conhecimentos”.

Com as recentes contribuições das neurociências na educação, sabe-se que a criança já nasce com a pré-disposição para aprender, pois a interação com as outras pessoas e com o meio se inicia mesmo antes do nascimento, desde sua vida intrauterina com o contato com a voz da mãe e das pessoas mais próximas, das músicas e histórias que ouve e a partir de o nascimento com as interações com os demais nos diferentes lugares.

Até os três anos de idade, acontece o período crítico do desenvolvimento da criança. É o período quando ocorre uma explosão de aprendizagens, pois o cérebro está em pleno desenvolvimento e se modificando o tempo todo com as experiências que a criança vivencia. Da mesma forma, a criança nasce pronta para o desenvolvimento da linguagem como forma de comunicação, expressão dos pensamentos e interação social.

Cairuga, Castro e Costa (2014, p. 85) nos auxiliam a perceber e olhar para o desenvolvimento dos bebês, complementando que “As crianças pequenas, especialmente os bebês, têm um crescimento muito rápido. Do ponto de vista orgânico, as crianças, no primeiro ano de vida, realizam grandes conquistas através do movimento e das linguagens do corpo”.

Neste momento, faz-se necessário definir desenvolvimento infantil para compreendermos também como acontece o processo de desenvolvimento das linguagens. Desenvolvimento infantil pode ser definido como capacidade que a criança possui de resolver um problema sozinho, ou ainda, significa capacidade de desenvolver ações cada vez mais complexas e é sinônimo de maturação, a capacidade de desenvolvimento potencial se caracteriza pela resolução de um problema com o auxílio de outra pessoa.

Ou seja, aprendizagem é um fenômeno complexo, envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicológicos, sociais e culturais, é a capacidade que as pessoas possuem de captar informações, desenvolvendo habilidades e posteriormente competências, no caso dos bebês, com a mediação e presença constante do adulto.

O adulto, habituado à linguagem falada, encontra dificuldades para compreender outras formas de comunicação e expressão que, no caso das crianças pequeninas, são os olhares, os gestos, o choro, os sorrisos, os balbucios. Na maioria das vezes, o que ocorre com os

profissionais envolvidos é isto: não conseguem perceber esses sinais comunicativos tão complexos. (TRISTÃO, 2005, p. 18).

Para compreendermos melhor as fases do desenvolvimento da linguagem buscaram-se estudos sobre as teorias de Vygostsky (1896–1934) e Piaget (1896-1980), que apresentam as etapas e influências deste processo.

Para Piaget (1975) o conhecimento se dá na interação do sujeito com o meio em que está inserido e afirma em sua teoria que o pensamento é prioridade no processo de desenvolvimento do indivíduo que está ligado às estruturas do ser humano e pode ser resumido como estruturas físicas, biológicas e psíquicas, assumindo a função de desenvolver a identidade e autonomia, proporcionar segurança, interação e conhecimento de mundo e, da mesma forma acontece com o desenvolvimento da linguagem, que também acontece a partir das interações.

Pode-se dizer que a principal forma de aprendizagem da criança pequena ocorre através do brincar, brincar de todas as formas possíveis, com a música, a arte, com objetos e com o próprio corpo e segundo Vygostky (1987), o brincar possibilita a construção e recriação de significados, mas para que isso aconteça, a criança deve estar inserida em um ambiente estável, com rotina estruturada, com objetos e brinquedos disponíveis e a possibilidade de interação com adultos e com outras crianças, compartilhando hipóteses e vivências.

A importância dos fatores orgânicos e socioculturais é a mesma neste processo, a criança nasce com a capacidade biológica de aprender, mas a aprendizagem só se constrói socialmente e pode auxiliar ou prejudicar no desenvolvimento da criança. “Desta forma, estar com os bebês, aceitando o desafio de conviver com suas especificidades, reafirma a necessidade de aprendermos a ver e ouvir suas linguagens.” (OSTETTO, 2008, p.47)

A pessoa é resultado da integração entre afetividade, cognição e movimento. O que é conquistado em um desses conjuntos interfere nos demais. O afetivo, por meio de emoções, sentimentos e paixões, sinaliza como o mundo interno e externo nos afeta. Conforme Almeida (1989), para Wallon, que estudou a afetividade geneticamente, os acontecimentos à nossa volta estimulam tanto os movimentos do corpo quanto a atividade mental, interferindo no desenvolvimento. Piaget (1975) utiliza o termo afetividade, que representa para ele a emoção e

também afirma que a afetividade influencia positiva ou negativamente os processos de aprendizagem, acelerando ou atrasando o desenvolvimento intelectual.

A criança pequena constrói memórias por imagens, associando uma a outra. No decorrer do desenvolvimento, ela passa a fazer essa relação conceitualmente, pela influência e pelo domínio da linguagem - o componente cultural mais importante.

Logo, podemos visualizar de forma geral como ocorre o desenvolvimento da linguagem nos primeiros de vida, com as percepções visuais, auditivas, sensoriais e cognitivas dentro do esperado desenvolvimento normal, conforme afirma Tristão (2005, p. 18) devemos “Estar atentos ao que eles nos indicam por meio de suas manifestações/reações e alfabetizar-se nas linguagens dos bebês, buscando melhor entendê-los e ouvi-los, são atitudes essenciais a quem realiza trabalhos com crianças ainda tão pequenas”, lembrando que as idades citadas são aproximadas ao que ocorre com a maioria das crianças e que o tempo de cada criança deve ser respeitado.

Ao nascer, inicia-se o estágio pré-linguístico, quando acontecem as reações de reflexo instintivas da criança, Cairuga, Castro e Costa (2014, p. 123) explicam este estágio do desenvolvimento em poucas palavras, sendo que “A comunicação inicial dá-se pelo choro, sorriso, grito, bocejo, gemido, etc., basicamente relacionados a reações fisiológicas do bebê.” O bebê já identifica a voz dos pais ou pessoas com quem teve maior contato durante a gestação, principalmente da mãe, o que pode proporcionar conforto à criança. Comunica-se através do choro e expressões emocionais, sinalizando conforto ou desconforto.

A ausência da fala não impede as crianças de realizarem um sem-número de atividades, ações e interações que lhes possibilitam ir conhecendo a si mesmas e a outras com as quais estão interagindo. (...) Desde que nasce, o bebê está imerso num mundo de sons, que lhe chegam pela audição em forma de vozes humanas, ruídos do ambiente onde vive (...) estimulando-o e organizando-o em relação a si mesmo e ao mundo com o qual está interagindo. Em muitas situações, o simples fato de ouvir a voz das pessoas com as quais convive, que se encontram fora do campo de visão da criança, faz com que ela se sinta segura e se tranquilize, ou seja, a voz está no lugar das pessoas e é o suficiente para apaziguá-la. (RAPOPORT, 2012, p. 20-21).

Com um mês de vida, a criança já diferencia as falas de outros sons e utiliza-se de uma linguagem própria.

Com três meses de vida a criança começa a balbuciar e percebe da onde vem os sons, procurando-os e respondendo através do olhar e do sorriso.

Com seis meses de vida, o bebê produz sons, ainda que sem sentido, “criando” palavras, como “mama”, “papa”, que é a chamada linguagem materna. Utiliza de diferentes entonações nas vocalizações. Andrea Rapoport (2012, p. 20-21) explica:

Essas sequências ainda não têm um significado, não querem dizer coisa alguma. No entanto, à medida em que ocorre uma maior interação do adulto com as crianças pela fala, essas sequências passam a ser empregadas pelos bebês com um sentido definido. É dessa forma que o “papapa” se transforma em comida; “papa”, em papai; “mama”, em mamar; “mamama” em mamãe, não necessariamente nessa ordem e com essa correlação.

Com dez meses de vida a criança apresenta a capacidade de imitação dos sons que ouve. Percebe as influências do ambiente e utiliza-se de palavras e gestos para conseguir o que deseja.

Com um ano, se inicia o estágio linguístico, que é caracterizado pela maturação do aparelho fonador. Pode iniciar a pronúncia de palavras atribuindo sentido às mesmas. A criança utiliza a chamada palavra-frase, ou seja, usa apenas uma palavra para comunicar o que deseja. O adulto é quem deve interpretar estas situações a partir do contexto, nomeando os objetos, narrando as situações, auxiliando a criança a se comunicar cada vez mais de forma a ser compreendida. Os gestos ainda fazem parte da comunicação e expressão.

Por meio de conversa dos adultos que interagem com as crianças é que elas vão construindo o sentido, percebendo a necessidade da fala e produzindo o desejo de tornarem-se falantes, de expressarem-se pela linguagem. Até aprenderem a falar, suas necessidades e desejos são expressos, em grande parte, por meio de gestos, apontando objetos, coisas e lugares. A partir do momento que começam a organizar intencionalmente a fala, os gestos passam a funcionar com um acessório, não mais como linguagem principal pela qual se comunicam e aprendem sobre si e sobre o mundo. (RAPOPORT, 2012, p. 21).

Com um ano e meio, espera-se que a criança apresente um vocabulário de aproximadamente 50 palavras, mesmo que não pronunciadas corretamente. Começa a utilizar duas ou três palavras para se expressar. “Pouco a pouco, as crianças vão ampliando o seu vocabulário e vão fazendo construções mais complexas, como “nenê”, “papá”, “dá colo”, “nenê qué”, etc.” (RAPOPORT, 2012, p. 23). Aparece a repetição de palavras que lhe são familiares e a

compreensão e realização de ordens simples, bem como, identifica e nomeia algumas partes do corpo.

Com dois anos, a criança entra na fase da fala linguística, ou seja, compreende a língua como forma de comunicação social. Espera-se nesta faixa etária um vocabulário de aproximadamente 100 palavras, mesmo que não pronunciadas corretamente. Compreende os primeiros fundamentos de sintaxe, preocupando-se com as regras gramaticais, porém, sem considerar as exceções, como por exemplo, o uso do plural. A criança pode utilizar o plural em todas as palavras, mesmo não sendo necessário.

Características principais das crianças até dois anos:

- revelam expansão do vocabulário;
 - utilizam-se de generalizações;
 - combinam palavras;
 - têm preferência por substantivos e palavras de ação;
 - sua linguagem acompanha, representa e orienta a ação;
 - ocorrem os primórdios da narrativa;
 - o motor do desenvolvimento é o afeto, a percepção e a ação.
- (CAIRUGA, CASTRO E COSTA, 2014, p. 139).

Com três anos a criança tem capacidade de falar, compreender e fazer sinais quase como os adultos. Inicia a fase dos “porquês”, perguntando e demonstrando curiosidade sobre tudo. A criança refere-se a si mesma na terceira pessoa, identifica e nomeia objetos de uso cotidiano, aponta e nomeia objetos e cenas em gravuras, interpreta histórias contadas por adultos.

Propiciar o faz de conta, criatividade e imaginação são extremamente importantes e podem ser proporcionados através de cantinhos organizados na sala para a livre expressão das crianças, com brinquedos, diferentes tipos de objetos para serem explorados e manuseados, materiais artísticos, fantasias, etc., bem como, explorar diferentes espaços internos e externos para o deslocamento e desenvolvimento do movimento e do corpo, manter livros de pano e emborrachados ao alcance das crianças, reconhecendo a alimentação, higiene e cuidados pessoais como parte dos processos pedagógicos, considerando as necessidades físicas, fisiológicas, sociais e emocionais da criança e da sua família.

No contexto da escola de Educação Infantil, destaca-se a importância das interações das crianças com outras crianças e com os adultos, as diferentes situações que proporcionam a expressão, interpretação e a intenção de comunicação.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem. (RCNEI, 1998, v.1, p. 28).

Os pequenos gestos, palavras, ambientes, objetos devem ser planejados e pensados para auxiliar a criança na progressão do seu desenvolvimento e algumas situações são essenciais, como o manuseio de diferentes objetos com cores, formas, tamanhos e sons diferenciados, a exploração de outros espaços fora da sala de aula e de ambientes que ofereçam segurança e conforto, mas também ludicidade e desafios, a conversa com a criança em todos os momentos, mesmo que a criança ainda não fale, nomeando objetos, pessoas, explicando o que está acontecendo ou antecipando algo que vai acontecer, etc.

5 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DAS LINGUAGENS DOS BEBÊS

Visando propiciar o desenvolvimento e expressão das linguagens, a escola deve oportunizar os momentos necessários para que a criança possa vivenciar situações de forma natural para auxiliá-la neste processo. Algumas estratégias são fundamentais para auxiliar neste processo, como o planejamento de situações lúdicas que ofereçam segurança, mas ao mesmo tempo desafiem as crianças.

Chomsky defende a ideia de que a estrutura da linguagem é, em grande parte, especificada biologicamente (nativista). Skinner afirma que a linguagem é aprendida inteiramente por meio de experiência (empirista). Piaget consegue chegar mais perto de uma compreensão do desenvolvimento da linguagem que atenda melhor a realidade observada. Segundo ele tanto o biológico quanto as interações com o mundo social são importantes para o desenvolvimento da linguagem (interacionista). (OLIVEIRA, ROCHA; ELANE, 2007. p. 06).

O RCNEI (1998) enfatiza que a Educação Infantil prevê e organiza a articulação do cuidar, educar e aprender, através dos princípios da contextualização, da aprendizagem coletiva, da

interdisciplinaridade e do desenvolvimento de competências, mediados pela interação e o brincar como eixos para a construção do currículo para a infância.

Com isso, as crianças que frequentam a escola de Educação Infantil têm ainda mais possibilidades de desenvolvimento integral, pois são propiciadas novas aprendizagens que vão sendo conquistadas e memorizadas pelo corpo através dos sentidos, percepções e relações que a criança estabelece. Além disto, constrói-se vínculos afetivos com outras crianças, com os professores e funcionários e os fortalece à medida que coloca em prática estas aprendizagens estruturadas anteriormente, e a partir de situações que as desafiem.

A partir desse contexto, percebe-se que estas três esferas estão interligadas e acontecem simultaneamente: educar, cuidar e brincar.

Brincar é um ato espontâneo e a ação do brincar é a primeira forma que a criança encontra para se expressar, antes mesmo de adquirir a linguagem oral. Através do brincar a criança experimenta e vivencia situações diversas onde expõe suas emoções e sentimentos, interage com o mundo ao seu redor. Tudo passa pelo corpo, ele é o mediador entre a criança e o meio, é um brinquedo.

Porém, destaca-se também a importância da literatura infantil, que ganha destaque para auxiliar neste processo, oferecendo possibilidades como a mediação de leitura, que pode acontecer de maneira a contemplar as necessidades e potencialidades da criança pequena, com a inserção de diferentes fontes de literatura no cotidiano dos bebês, como a contação de histórias, canções de ninar, poemas, brincadeiras de roda e principalmente, o manuseio de livros de diferentes cores, tamanhos e formatos.

6 A LITERATURA INFANTIL COMO AGENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS LINGUAGENS

Na escola de Educação Infantil, tratando-se de bebês, o professor é o agente que conduz as mediações de leitura, desde o modo como organiza o tempo e o ambiente, até as obras literárias que selecionada para deixar à disposição das crianças e as histórias que conta para e com as crianças.

Na fase em que as crianças desta etapa se encontram, estão em pleno desenvolvimento das diferentes formas de linguagem, do corpo e das relações, por isso, é fundamental que o professor tenha olhar sensível e atento para as especificidades de cada criança, interesses e necessidades e a leitura literária pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos bebês.

A leitura literária pode ser realizada de diferentes formas, contemplando a faixa etária para a qual é voltada e no caso da Educação Infantil pode acontecer através da contação de histórias, leitura de poemas, através do manuseio dos livros e leitura, mesmo que não de modo convencional, com a leitura de imagens, interação das crianças com as histórias, entre tantas outras possibilidades que podem ser criadas.

O prazer que o livro pode trazer tem múltiplos aspectos. [...] O livro informa, distrai, enriquece o espírito, põe a imaginação em movimento, provoca tanto a reflexão como a emoção; é, enfim, um grande companheiro. Companheiro ideal, aliás, pois está sempre à disposição, não cria problemas, não se ofende quando é esquecido, e se deixa retomar sem histórias, a qualquer hora do dia ou da noite que o leitor deseja. (MINDLIN, 2004. p. 15-16).

A forma como o professor desenvolve estas atividades pode influenciar na construção de sentidos e visão de mundo das crianças, bem como o interesse pelos livros, que possibilitam a interação com diferentes culturas e linguagens, além de contribuir para a etapa que virá posteriormente, a de aprender a ler escrever. Outro fator importante é a regularidade com que as obras são oferecidas às crianças, devendo ser uma atividade permanente em sala de aula, pois quanto mais os livros estiverem inseridos na rotina e nas vivências, mais serão incorporados os valores que a literatura oferece e o hábito de leitura poderá ser levado para a vida toda.

Assim como nos demais níveis de educação, a literatura na Educação Infantil tem como uma de suas funções representar e interpretar o mundo com a possibilidade de se fazer relações com as vivências de cada um, dando espaço às emoções e sentimentos, à sensibilidade. Na medida em que nos identificamos com o contexto da história, através da imaginação e fantasia, podemos nos tornar as próprias personagens do texto, refletindo as condições psíquicas, emocionais e sociais que estamos vivendo naquele momento.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos

fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 1939, p. 76).

Percebemos que a apreciação da literatura tem ficado de lado e com ela a rica contribuição que as obras literárias podem oferecer, como a imaginação, as relações que podem ser estabelecidas com as pessoas e com a vida real, a compreensão de mundo, a comunicação das diferentes linguagens, a capacidade de se colocar no lugar do outro, de viver outros papéis, entre tantas outras possibilidades que fazem parte do universo infantil, do desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo oferece a possibilidade de compreendermos um pouco sobre o que é linguagem e como ocorre o desenvolvimento das linguagens dos bebês, sabendo que desde o nascimento as crianças estão em contato com diversas formas de expressão e linguagem, interagindo com pessoas e com o ambiente em situações variadas.

Nesta faixa etária que compreende a etapa creche (de zero a três anos) é pontual a aquisição das linguagens, viabilizando a constituição do pensamento e a fruição literária, desenvolvendo-se nas brincadeiras e jogos a partir dos gestos e movimentos, servindo como base a apropriação dos demais conhecimentos.

Desta forma, compreende-se o desenvolvimento da linguagem como forma de comunicação e organização do pensamento, por meio de troca de experiências, diálogos, contação de histórias, exploração, manuseio e análise de diferentes materiais escritos, com imagens e livros infantis, promovendo as capacidades expressivas das crianças ao propor situações concretas envolvendo a fala, o pensamento, a escuta, a atenção, a imaginação.

Fica clara a importância da escola de Educação Infantil na vida dos bebês que estão inseridos neste contexto, pois passam de sete a doze horas na escola, sendo que é papel da mesma elaborar uma proposta pedagógica adequada à estas necessidades para o desenvolvimento saudável das crianças.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **Espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.
- CAIRUGA, Rosana Rego, CASTRO, Marilene Costa de, COSTA, Márcia Rosa de. (orgs.) **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais**. – Porto Alegre: Mediação, 2014.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil**. 7ª Ed. - Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LIMA, Elvira Souza. **A criança pequena e suas linguagens**. São Paulo: Editora Sobradinho, 2002
- MACHADO, Maria Lucia de A. **Educação Infantil e Currículo: a especificidade do projeto educacional e pedagógico para creches e pré-escolas**. São Paulo, 1995.
- MINDLIN, José. Loucura Mansa. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (Org). **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.
- OLIVEIRA, Janieri de Souza; ROCHA, Maria de Lourdes da; ELANE, Conceição. **Como as crianças adquirem e desenvolvem a linguagem**. Ceará: UVA, 2007.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.) **Do cinzento ao multicolorido: linguagem oral, linguagem escrita e prática pedagógica na educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2004b. (Coleção Ágere).
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.) **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. (Coleção Ágere).
- PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- RAPOPORT, Andrea et al. **O dia a dia na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVA, C. L.; **Concepções histórico-cultural do cérebro na obra de Vigostki**. São Paulo, 2012.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. 1939, **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

SIE

XV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE:
PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

www.feevale.br/seminarioeducacao

TRISTÃO, Fernanda C. D. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. **Reflexão e ação**, v. 13, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Coleção Psicologia e Pedagogia).